

Auto-Grafando

(O Mar de Sonhos)

Ano 2 | Número 2 – novembro de 2015

Apresentação

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Paulo Freire)

Quando os professores Dalton Gonçalves e Lúcia Cantarino Gonçalves sonharam a Aldeia, imaginaram mais que uma escola, desejaram um espaço de troca de experiências, carinho, crescimento sempre em busca da autonomia, do respeito à natureza e ao outro. Sonharam com cada indivíduo autor de sua vida, mas não de forma solitária e sim compartilhada.

Nesta segunda edição da revista **Auto-Grafando**, o leitor terá a oportunidade de ver isso de perto. Poesias, contos, quadrinhos, ilustrações, sonhos de nossos alunos materializados nessas folhas. Fruto de um processo de criação crítica, porém leve e prazerosa. Um mergulho no mar dos sonhos de Marina Colasanti, Ferreira Gullar, Júlio Verne, Luís Fernando Veríssimo, Shaun Tan, Edgar Allan Poe, Fernando Sabino, Mario Quintana, João Anzanello Carrascoza, entre outros.

E é por isso que, mais uma vez, os alunos do 6º, 7º e 8º anos da Aldeia Curumim convidam-no a mergulhar sem medo nessa aventura literária e experimentar suas experiência mais intensas, pessoais, autorais, em que o único risco é não querer parar!

Mônica Scheer

Sumário

Como é bom *poemar* – 6º ano

4

Contos Encantados – 7º ano

14

O Mundo dos Quadrinhos – 7º ano

20

Decifre-me se Puder – 7º ano

30

Eros e Psiquê – 8º ano

36

Nos Passos da História – 8º ano

42

Cine Aldeia – 6º e 7º anos

55

Como é bom Poemar

Como uma criança
Que aprende a caminhar,
Nossos alunos do 6º ano descobriram
O quanto é divertido rimar.

Aprenderam que tudo
O que nos cerca na vida
Pode se tornar assunto
Para uma bela poesia.

Em seus amigos, nas brincadeiras e seus gostos,
Viram que podem se inspirar,
Também nas lembranças, nas viagens e seus sonhos...
No caldeirão da poesia, tudo pode entrar!

Entenderam o que são estrofes e versinhos,
Também criaram poeminhas visuais e quartetos,
De ler e criar trava-línguas brincaram
E até descobriram a importância do ritmo e o que são sonetos.

Compreenderam a importância do tom da fala
Na leitura de um poema
Cantaram, de Vinicius de Moraes, Era uma Casa,
E dançar para alguns não foi problema.

Escrever é trabalho árduo
que requer doação, sabedoria,
também perseverança e harmonia
para ativar a mente criativa.

A leitura de um poema
pode sensibilizar
Da criança ao adulto
Basta à leitura se entregar.

Se ficou curioso
Quanto ao trabalho que fizemos
Mergulhe nas próximas páginas
E a poemar te ensinaremos!

(Ivi Barile)





Turquia

Turquia é um lindo lugar
Para se admirar e apreciar

Balões voando
E passarinhos cantando
Rochas como casas parar morar
E belezas do alto de montes
Nas grutas onde a gente se esconde
Muitas fábricas, lojas
E pedras de calcário como lagos para se banhar

Adorável Turquia!
Fui lá
E quem for também irá amar!

(Bia)

Argentina

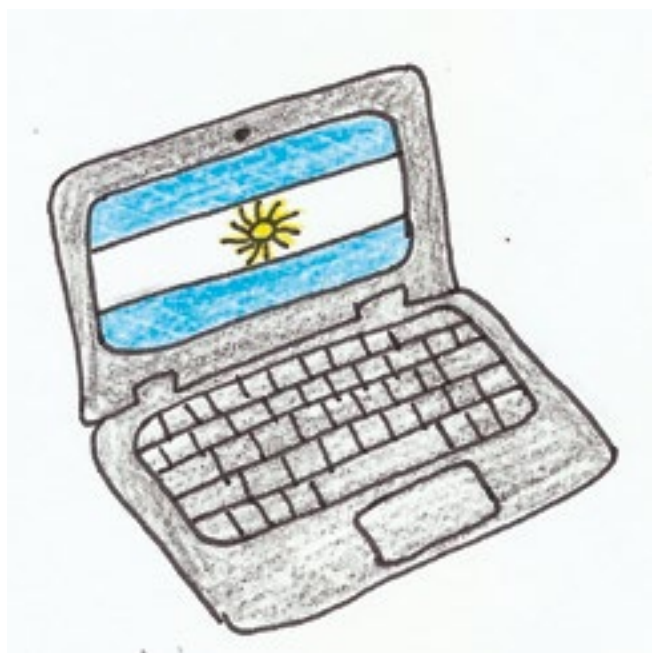
Buenos Aires,
Lugar legal
Muitos museus, La Bombonera...
Radical!

Tem praças,
Lojas de doces
E um bar só de futebol

Amei o hotel onde fiquei,
Tinha internet...
Opa! Já gostei!

Pela minha cabeça
Nem passou
A ideia de visitar o cemitério à noite,
me amedrontou!

(Pedro Lima)



A Califórnia

A Califórnia é muito legal,
pois levanta meu astral.
Tem muitos lugares para viajar
E lá vi minha amiga casar.

Em Lake Tahoe quis ficar,
Foi o lugar que quis passear.
De snowboard andei lá,
Com muita neve deu para aproveitar!

(Amorim)



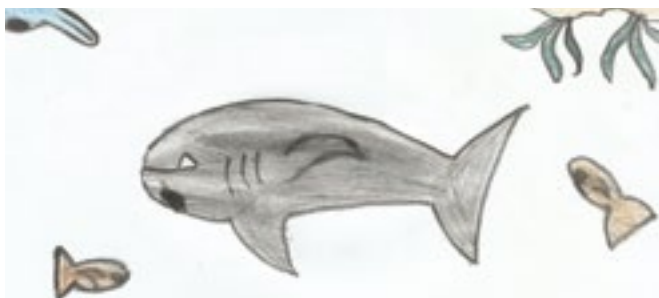
Querida Ubatuba

Amo ir a Ubatuba
Lugar bonito, calmo e legal
De noite, uma penumbra
É melhor que Bananal

Com meu pai vou remar
Na praia e em alto mar
Também gosto de nadar
Com meus primos, como não amar?

Em Ubatuba quero estar
A qualquer hora e em qualquer lugar.

(Alegria)



A praia

Os lugares que mais gosto
São a praia e o mar,
Para fazer castelos de areia
E nadar sem parar.

Milhões de brincadeiras
Lá você pode criar
Sem falar de sua beleza
Esse é o melhor lugar para se estar!

(João Matheus)



Natureza Brasileira

O lugar onde eu vivo
É bem diferente
Cheio de plantas
Que vivem com a gente

No lugar onde eu vivo
A natureza é bonita
Cheia de bichos
E árvores floridas

Mas no lugar onde eu vivo
Nem tudo é certo
Há barulho de carros
Que estão sempre por perto

Mesmo assim, o lugar onde eu vivo
Mostra todo o seu afeto
Através de suas plantas verdes
A até de seus pequenos insetos

Nesse lugar
O mar é bem anil
Esse lugar
Se chama Brasil!

(Pedro Marcolini)

Melhor lugar

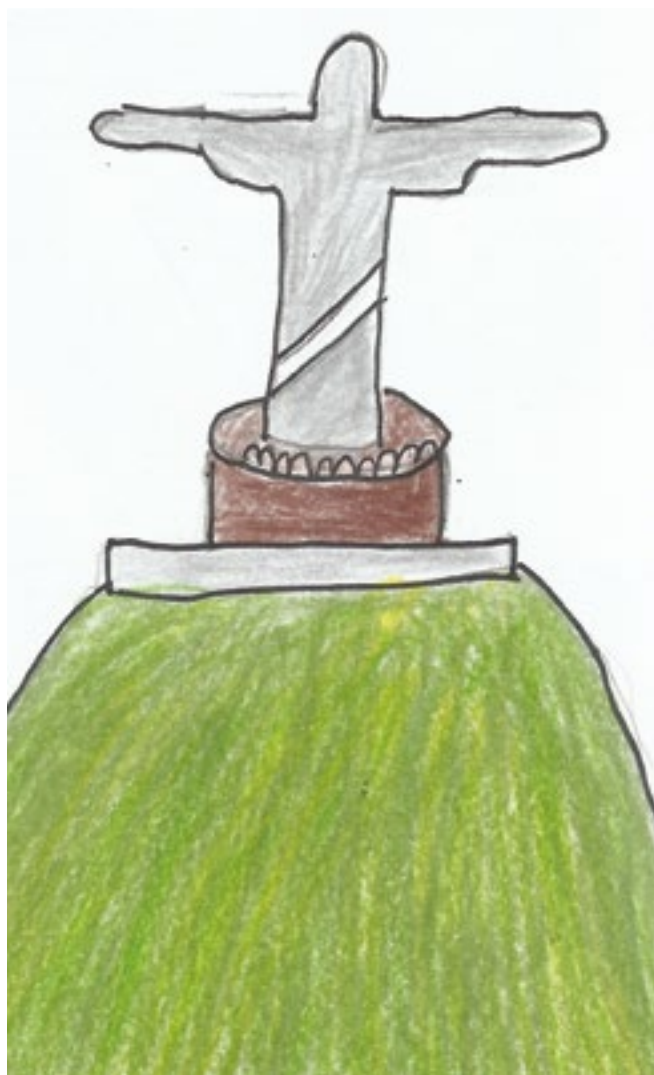
Na minha infância
Havia muitas crianças
Que comigo faziam muita lambança.

No lugar onde vivo
Tenho grandes amigos
A quem tudo o que falo
não sai pelos ouvidos.

O lugar onde vivo
É bem legalzão
Tem peixes e mó baleião.

Quer vir morar comigo?
Beleza, é só virar meu amigo!

(Sant'Anna)



Povo feliz

Cariocas são coloridos
E são sempre divertidos
Se um abraço quer ganhar
Com certeza um carioca vai te dar

O carioca vive sempre por um triz
Mesmo assim está sempre feliz
Quer saber onde encontrar?
Dá um pulo na praia
Sempre tem um carioca por lá...

Para o pôr-do-sol do Arpoador
Eles batem palma com fervor.
Um segredo vou te contar...
Quer conhecer melhor?
Então venha para cá!

(Luan)



Qual animal escolher?

Se eu pudesse escolher
Um gato quereria ser

Ele é legal, charmoso
E tem um bom olfato

Também adora se divertir
E com certeza vai te fazer rir

Ele sabe brincar
Pode até conversar

Ele sabe o que quer
E bonito ele é

É da espécie dos felinos
Agrada meninas e meninos

E você?
Qual animal seria?

(Tris Prior)



Meu melhor amigo

Eu adoro o meu cachorro
É meu animal preferido
O nome dele é Campeiro
E ele é muito bagunceiro

Ele brinca comigo,
E gosta de corrida apostar
Apesar de meus jogos adorar arranhar

Também gosta de dormir em cima de mim
E detesta comer aipim.
Ele é meu melhor amigo
E com ele não tem tempo ruim!

(Alessandra)

Se um bichinho, eu fosse...

Seria um leãozinho,
Pois ele sabe liderar
E botar ordem no lugar

Ele é ligeirão
E quando rosna dá um medão.
Esse animal é de assustar,
Mas se lhe der carinho,
Ele pode te amar!

(Zuzu)





Um bichinho...

Qual eu seria?
Gato? Cachorro? Leão? Patinho?

Ah, já sei!
Que tal um golfinho?

Imagina a alegria
Ao nadar no azul do mar
No vai e vem das ondas...
Como ele irradia!

Seria muito legal,
Pois é ligeiro como ninguém!
Golfinho, lindo animal!

Uma mistura de cores.
Onda pra cá,
Golfinho pra lá...
Teria muitos amores

Se eu fosse um golfinho
Nadaria com os peixinhos...

E você, seria qual bichinho?
(Luisa L.)

Os animais

Os animais são tudo,
Dão amor, carinho
E tudo mais que você precisar.
Sempre com você vão estar,
Nunca te abandonarão
Gatos, cachorros,
Todos amam,
Eles não são inúteis, não!
(Bernardo)

Se eu fosse um bichinho...

Seria um passarinho
Para voar e cantar
E a todos alegrar.
Como disse, as pessoas animaria
E pelo mundo inteiro viajaria...
E de tanto passear
Minha vida de amor e cultura se encheria
E uma canção nunca me faltaria.
A doença de muitos sem dúvida curaria
E o meu coração de alegria transbordaria.
Prazer, sou a passarinha Bia!!!

(Bia Mansur)

Por que eu seria um gavião?

Se eu pudesse ser um bicho
Eu seria um gavião

Ele é um pássaro legal
Voa muito
E meu sonho é conhecer voando
O mundo

Ele é um baita bichão
É bem grande e bonitão
Como ele eu voaria
Como um avião

E enxergaria um rato no chão
E a velocidade então...

E é por isso que eu queria ser um gavião...



(Breno)



Música pra mim!

Amo quando me dão presente,
Não importa o tipo...
Se for uma música, está excelente!

Canto, danço... difícil me parar
A melodia toca os meus ouvidos
Fico tontinha, quero deitar...

O que me faz feliz?
Uma música de qualidade
Isso sim, desperta minha felicidade!
(Katy)



Viagem dos sonhos

Fui viajar
Para Visconde de Mauá
Lá é um lindo lugar
Um bom local para morar

Viajei com a escola,
Alunos e professores,
Tinha as coordenadoras também,
E os quatro monitores

Ficamos em um hotel,
Cheio de chalés.
Lá é muito frio,
Ficamos iguais a picolés!

Conhecemos a cidade,
Que é muito bonitinha!
Pouco movimentada,
Com ruas bem calminhas.

De noite teve festa
Uma baladinha muito boa
Foi muito divertido
E ninguém ficou à toa.

Teve também um luau
Com histórias de terror
Teve muita gente
Que foi dormir com pavor.

Visitamos alguns comércios,
De chocolates e velas
As coisas que estavam vendendo
Eram sempre muito belas.

A viagem foi muito boa
Será inesquecível
Se alguém me perguntar,
Direi que foi incrível!
(Kira)

Uma dúzia de coisinhas à toa que me fazem feliz!

Na praia andar, com amigos estar e com meu cachorro
brincar,
Churrasco fresquinho, observar os passarinhos, não
dormir só um pouquinho,
Comer pipoca, tomar coca, ser carioca,
Acordar com meu cobertor de lã, beber suco de abacaxi
com hortelã e curtir minha manhã!

(Alison)



No lugar onde vivo...

No lugar onde vivo
Tenho ótima vizinhança
Onde passei grande parte da minha infância
Com brincadeiras de criança

De ter vindo para cá
Não me arrependo,
Pois conheci um lugar estupendo.

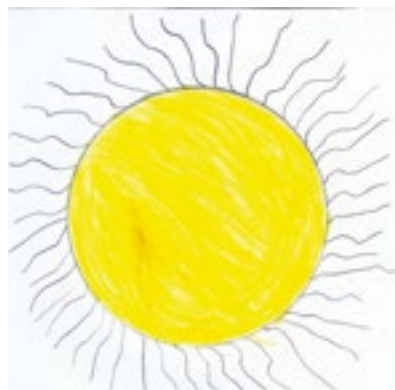
No lugar onde vivo
Não guardo rancor,
Por causa dele
Perdi minha velha dor.

Agora só guardo alegria.
A melhor escolha da minha vida
Foi morar no lugar onde vivo.

(Acarajé Caitano Salles)

Jogar futebol ainda mais quando faz sol e depois pescar
com anzol,
Na piscina cair, com meus amigos sair,
Nadar, pular, com meu cachorro rolar e brincar,
Explorar a floresta, ir a festas e ter uma vida honesta.
Que bom que minha vida é essa!

(Igor Corrêa)



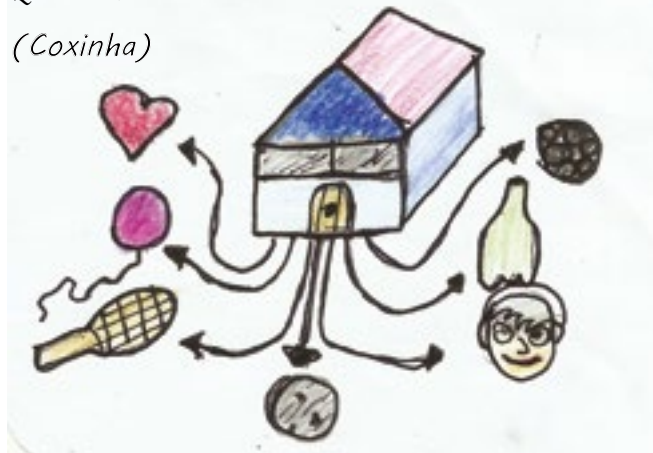
Povo carioca

Os cariocas são fenomenais
Não gostam de trânsito
Muito menos de sinais

O povo carioca
Não é bobo, não
Curte samba, praia
E tem muito amor no coração

O povo carioca é gentil e hospitaleiro
Não é à toa
Que tem boa fama no mundo inteiro.

(Coxinha)





O melhor jogo

O meu jogo preferido,
Clash of Clans se chama
Esse jogo é insano
De estratégia e tem muita fama

Há tanto tempo eu jogo
E sou muito bom
Jogo com várias pessoas
E meu objetivo é ser campeão

(Muniz Clash)



Que jogo!

Para animar, o futebol chegou
A torcida aumentou
E o estádio lotou.

A Champions League eu vejo pela TV
E na Europa tá rolando pra valer!

O técnico entrou
E o juiz o cumprimentou.
Os jogadores apareceram
E os torcedores se enlouqueceram!

O jogo começou,
A torcida vaiou,
Mas quando o time fez gol
E ganhou,
A torcida se desculpou!

(Eden Hazard)

Minhas alegrias

Gosto de surfar,
E viajar,
Jogar futebol,
E ir ao paintball

Adoro brincar com meus amigos,
No tobogã descer,
Ir ao parque
E Doritos comer.

Amo ir à praia,
Andar de bicicleta também me faz feliz,
Ir ao cinema
E comer bis.

(Doge)



Onde quero viver

A Amazônia tem diversos animais
E ainda por cima
Muitos campos florestais

As ruas são muito quietas
E também lá não tem bicicletas

Amazônia continue legal,
Mas cuide mais de Manaus

Amazônia, não se deixe cortar
Porque senão vai nos faltar ar.

(Cristiano Ronaldo)



Corujinha

Se eu fosse uma coruja
Voaria a noite inteira
Enquanto os outros animais dormiriam
Faria na floresta só minha brincadeira

Se eu fosse uma coruja
Iria a novos ares explorar
As matas, cachoeiras, lagos
Até me cansar

Se eu fosse uma coruja
Numa árvore grande iria pousar
E de lá a vista apreciar

(Shadow Guy)



Minha escola

Aldeia é onde sempre vou estar
Para estudar
E até pra rir e conversar

Os passarinhos cantam sem parar,
O cavalinho é onde podemos brincar
E a diversão nunca vai acabar...
Os galhos das árvores balançam sem parar
E eu não me canso de neles me pendurar.

Na hora do recreio
Brinco sem parar
Quando ele acaba
A Cristina chama
Até a voz dela acabar.

(LalaLb.)

Se eu pudesse escolher...

Eu seria um guepardo,
Porque ele é veloz,
Um grande caçador
Com garras fortes e pode até ser atroz.

Eu teria muita liberdade,
Embora não fosse o chefe
Já que perdi meu posto
Para o Rei Leão.

Todos os dias,
Para a minha família
Estar bem alimentada
Antas e veados caçaria.

(Navi)

Contos Encantados



“*Contos de lugares distantes*” ou deveríamos dizer contos de lugares muito, muito distantes, tanto que só a imaginação pode alcançar? O fantástico, o lírico, o mágico são os temas da entorpecida narrativa de Shaun Tan.

Do mistério ao terror, do cômico ao dramático, do impossível ao inimaginável. Encantador, tanto pelas palavras primorosamente escolhidas como pelas imagens, também do autor. Elas são mais que ilustrações, são parte da narrativa, como em “*Chuva ao longe*” ou “*Faça seu próprio animal de estimação*”, feito totalmente de recortes belíssimos.

Espanto, riso, incompreensão são apenas algumas emoções que o leitor de qualquer idade terá ao experimentar essa leitura.

Como assim todos terem um míssil balístico em seu quintal? Ou um touro que sempre aponta na direção certa? Gravetos que andam pelas ruas? Jardins secretos em todas as casas? Um feriado sem nome ou data? Sim! Tudo é possível para esse escritor incrível e imprevisível. E você, não tem vontade de criar seu lugar distante, seu personagem bizarro? Seu animal de estimação? Seu guia de viagens loucas?

Quando perguntei isso aos alunos do 7º ano, eles responderam:

“SIM!”

E então, lá vamos nós fazer uma viagem encantada pelos contos dessa turma ativa e muito, muito criativa!

Boa leitura!

(Mônica Scheer)

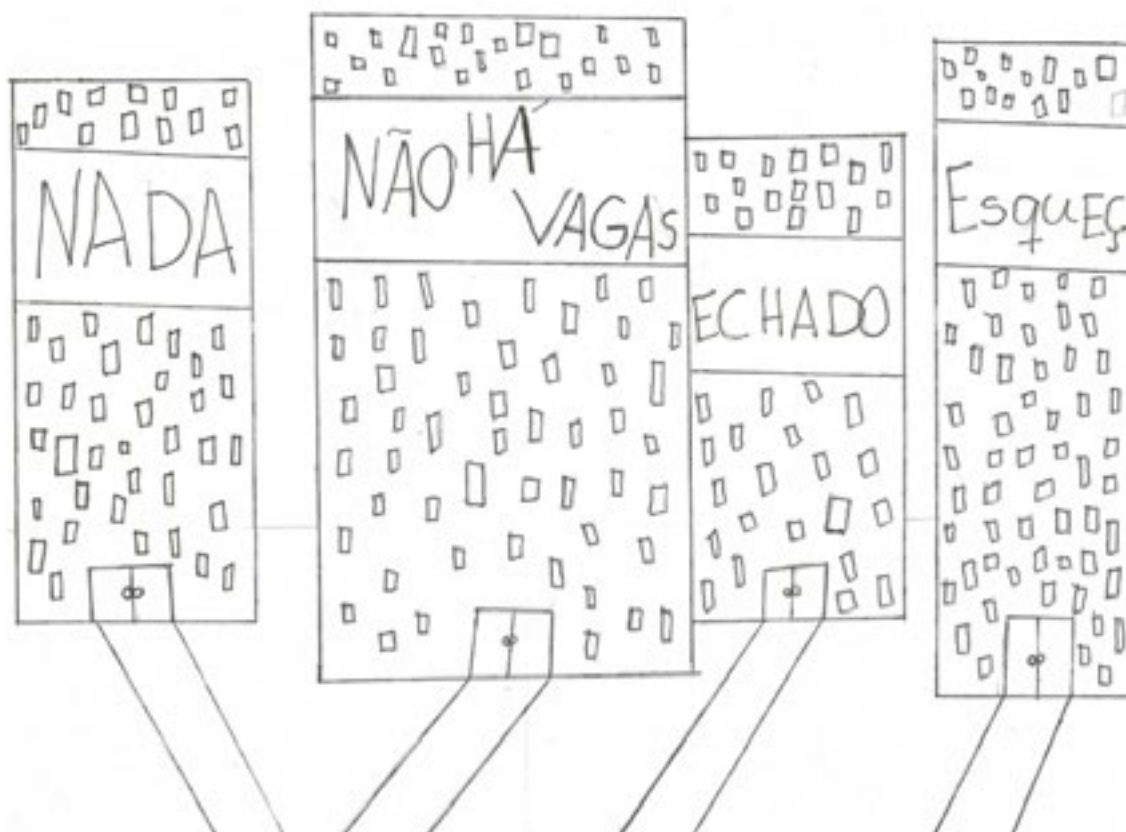


Uma Luz em uma Janela de um Prédio qualquer

Moro em uma cidade muito estranha, mas mais estranho ainda é o meu bairro. No centro, em frente a minha casa, há vários prédios abandonados e neles está escrito:

"Não há vaga"
"Fechado"
"Esqueça"

Todas as noites quando olho pela janela do meu quarto, vejo uma luz piscando em um desses prédios.



Alguns dias se passaram e eu vi uma bela moça saindo do prédio onde a luz piscava. Não posso dizer que foi amor à primeira vista, mas senti algo profundo em meu coração. De tanto encará-la, assustei-a, demorei a entender... e quando finalmente percebi, já era tarde, ela já estava a caminho de sua faculdade, corri para poder alcançá-la. Não consegui, ela foi muito rápida. Parei na calçada e fiquei olhando o carro dela que ia em uma direção sem fim. De repente, vem em minha direção um táxi, e estava buzinando sem parar, nem tinha percebido que parei em um ponto de táxi, entrei bem rápido no carro e pedi que ele me levasse na rota do carro vermelho com a placa KYA-3497. Conseguimos parar atrás dela, me senti no filme "Velozes e furiosos", Hahaha!

Eu não sabia a coisa certa a fazer, então, saí do carro, bati na janela dela, nem deixei-a falar um oi!
E eu a beijei.

Ana Clara, Ana Teles e Davi

Viagem por Conta da Casa

Meu nome é Erick, sou de um lugar bem longe daqui. Eu sou uma pessoa bem quieta, decidi viajar, mudar de rotina. Fiz minha mala e pé na estrada, eu não fazia ideia para onde eu ia, só sei que o nome era 'maris'.

Na viagem, conheci um padeiro que me disse que ninguém nunca chegou lá, mas que era habitado. E o lugar era um paraíso. O padeiro me deu um pão por conta da casa e um 'tchau'. Fui andando e vi uma muralha e muitas pessoas abismadas, mas esta parecia intacta. Uma velhinha gritou: 'eles estão atacando de novo!'. Percebi que o lugar estava em guerra. Meus olhos se encheram de água quando vi a muralha desabar. Consegui escapar, mas uma pequena pedrinha bateu em minha cabeça e desmaiei.

Acordei em um lugar totalmente inesperado. Era lindo. A grama era verdinha e tinha um lago de água cristalina. 'O que aconteceu com a muralha? E o padeiro? Onde estou? Será que morri?' Deixei as perguntas de lado.

Bebi um pouco de água e voltei a andar. Eu estava cansado. Bocejando e sem jeito, perguntei para o dono de um bar onde eu estava. Ele riu e me convidou para beber algo. Aceitei.

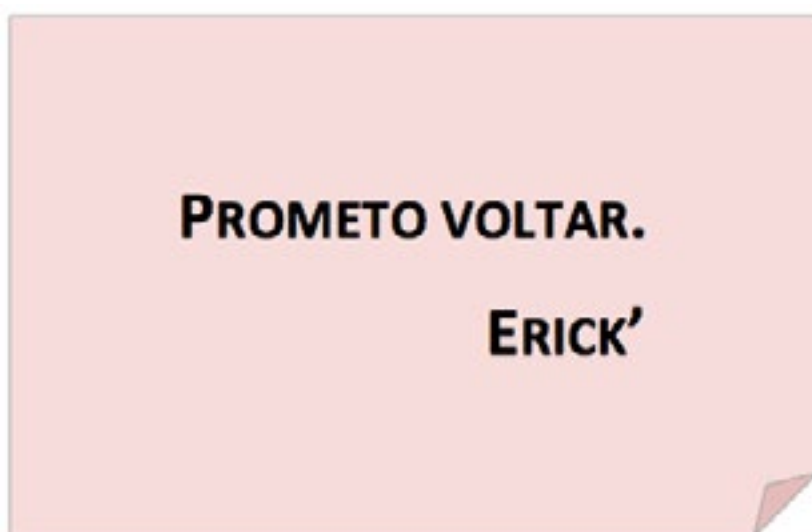
Entrei, bebi um suco, ele era um sujeito esquisito, não parava de rir, depois ele me disse que eu estava em maris.

Ri, dei tchau e fui, sai correndo procurando casas. Todos disseram que não me aceitariam. Cheguei a uma casa onde havia um homem e sua filha. Ele disse não (é claro), mas sua filha insistiu e ele disse para mim que não queria vermes dentro de sua casa.

Ele me segurou pela blusa, me jogou na rua e bateu a porta. Sentei-me no chão. Uma velhinha chegou e me acolheu. Ela disse que eu estava horrível com meus óculos quebrados e me deu os dela. Ela me perguntou o que estava acontecendo, contei minha história e ela disse que eu poderia ir para a casa dela. Fui até lá e ela disse que eu iria para uma escola. Tentei convencê-la de que não precisava, mas ela insistiu.

No meu primeiro dia eu vi aquela garota, filha do homem que me batera. Depois de um mês, percebi que eu gostava dela, e ela disse que gostava de mim. Mas infelizmente, eu precisava ir embora, meus pais devem estar com saudades de mim, ou preocupados. E eu também estou com saudades deles.

Deixei uma carta:



Amanda, Ana Beatriz e Luisa



A Rena Cega

No mês de janeiro, Papai Noel estava viajando com suas oito renas, quando um dos parafusos caiu e uma das renas despencou numa floresta onde havia muitos caçadores acampando. Todos estavam com fome e sede.

A rena não se machucou, mas ela relinchou e os caçadores ouviram e foram atrás dela com suas armas de fogo. Encontraram-na, miraram e atiraram no olho dela, mesmo ferida, ela continuou correndo e se escondeu numa caverna, porém ficou cega.

O que a rena não sabia é que a caverna era habitada por fadas e elas a ajudaram a limpar a ferida e costurar o olho da rena.

E a rena virou um ser da floresta, que ajuda os animais indefesos pegos pelos caçadores.

Isabella, Maria Eduarda e Ramon

País Nenhum: Os Portais Anoicos

Em um país muito distante, estava havendo uma guerra, mas não era uma guerra qualquer... era mágica!!!

Os participantes não eram seres normais. Ela era travada há mil anos por Elfos e Demônios. Porém essa guerra afetava muito seres mágicos que não conseguiam se defender, como Gnomos, Fadas, Duendes, Unicórnios...


Nesse país distante, havia um Gnomo chamado Guliver. Ele não tinha família e nem parentes, mas tinha uma causa: salvar todos os Gnomos. Isso seria difícil, pois deveria achar o portal para ir para outro mundo. Mas não era só isso, havia outra pedra no caminho dele, achar o mestre Alquimista, mais conhecido como O Sábio da Caverna de Gelo. Ele era o único que sabia como achar o portal.

Guliver estava à procura do sábio, mas não estava sozinho, era acompanhado de seus amigos Gnomos Jota, Krot e Willy. Eles estavam à procura da caverna há muito tempo e, finalmente, acharam-na. Lá havia uma cabana de onde saía uma luz. Eles se encaminharam até a porta e bateram. Eles já estavam perdendo as esperanças, quando a porta foi aberta por um homem alto, usando máscara de ferreiro e avental e, nas mãos, segurava vidros para experiências químicas.

O Alquimista perguntou o que eles queriam e o Gnomo contou a história da guerra e de como desejava salvar seu povo. O Alquimista aceitou o desafio!

Então eles se prepararam para ir até o portal e entrar nele. Caminharam e viram apenas o escuro. Demorou um pouco até surgir uma luz piscando, era o portal. Quando Guliver o viu, saiu correndo para avisar a todos da cidade, mas antes, agradeceu ao Alquimista, finalmente poderia salvar todos.





Depois de um dia de caminhada, Guliver chegou à cidade e avisou a todos a descoberta do portal. Toda cidade ficou surpreendida e ele reuniu todo mundo para a jornada.

Guliver encaminhou-se com todos para o portal. Chegaram ao escuro, não sabiam que, na verdade, aquilo era uma gaveta de um armário que ficava em um quarto onde vivia um garoto. O nome dele era Mário Gabriel.

Mário ouviu um barulho estranho, abriu a gaveta e ficou intrigado com a quantidade de Gnomos que havia nela. Saíam sem parar de dentro dela. Guliver e o garoto se assustaram. Guliver contou-lhe a história de seu povo, da guerra que durava mil anos, do Alquimista, do portal, e Mário ficou maravilhado.

Mário teve uma ideia: vendeu-os para serem anões de jardim, enfeitando as casas; brinquedos para crianças, alegrando a vida delas; e personagens de histórias fantásticas, como essa que você acabou de ler.

Francisco, João e Victor de Medeiros

O Mundo dos Quadrinhos



Felizmente, as civilizações pré-históricas nos deixaram seus registros em paredes de cavernas e superfícies ao ar livre, conhecidas como pinturas rupestres. Apesar de estudiosos considerarem sua interpretação difícil, pensa-se que elas são como uma espécie de linguagem visual, em que são retratados os rituais e costumes de alguns povos antigos. O homem, sem saber, começava a se comunicar através de imagens e também a produzir cultura.

Ao longo dos anos, os desenhos foram se aprimorando, sequências de imagens passaram a ser utilizadas para transmitir uma história e foram adicionados textos explicativos.

Entretanto, apenas no final do século XIX é que a versão moderna começou a aparecer, agora não somente com a mistura entre as linguagens visual e textual, mas com a inserção dos balões de fala. Tem-se como pioneira a revista *The Yellow Kid*, lançada em 1895 pelo artista norte-americano Richard Outcault.

As HQs fizeram muito sucesso, pois ajudavam a ampliar a venda de jornais, entretinham o público em geral e, por serem baratas e fáceis de compreender, também auxiliavam a aculturar as massas imigrantes.

No Brasil, a estreia se deu em 1905 com a revistinha *O Tico Tico*, de Renato de Castro, e teve a participação de alguns personagens americanos famosos como Mickey Mouse e Gato Félix.

Esses textos não servem apenas para entreter, mas também informar, emocionar, passar uma moral, fazer pensar... É por essa diversidade que, mesmo depois de tantos anos, esse gênero textual continua fazendo bastante sucesso entre crianças, jovens e adultos.

Nossos mais novos quadrinistas aprenderam um pouco mais sobre esse universo literário e se arriscaram também a realizar esta fusão, misturando imagens de diferentes quadrinhos aos seus desenhos e produções narrativas.

Quem aí já não se deliciou com uma história em quadrinhos?

(Ivi Barile)





SANSAO

EM

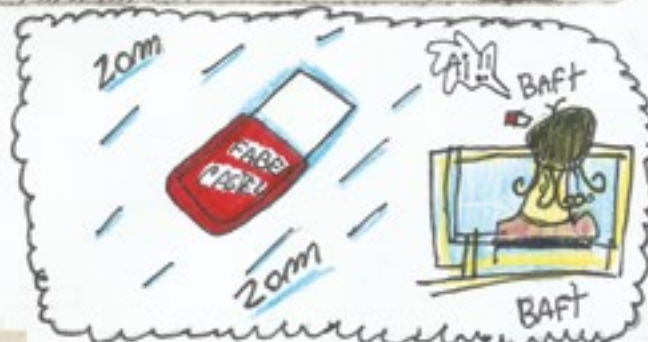
JUSTICA . PARA Todos





Grupo: Gustavo, Ana
Pedro L., Victor M

A TURMA DO RISO





HA HA HA HA -
HA HA HA HA

PROVA: DOS ALUNOS

1-	---	✓
2-	---	✓
3-	---	✓
4-	0	✓
5-	---	✓
6-	---	✓



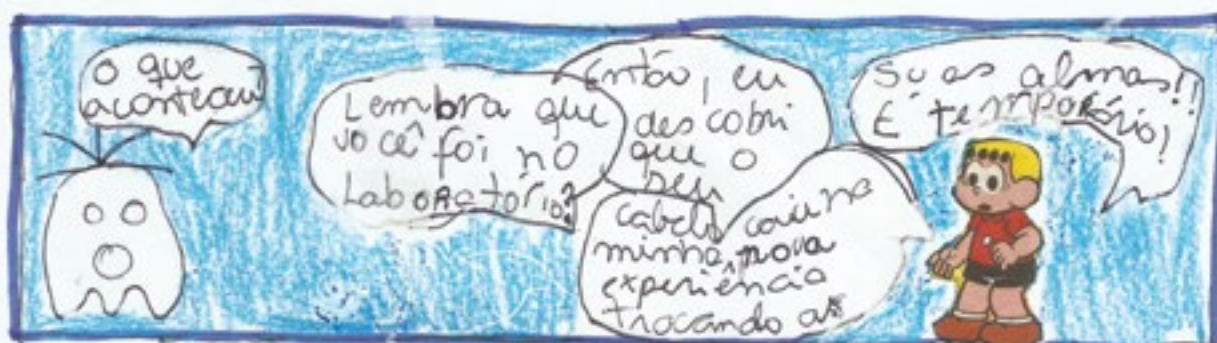
A culpa
foi sua!!
ESTAMOS FERRADOS!!!

FIM

ALUNOS: JOÃO Q, Pedro A, Luiza e Amanda

TURMA DA MÔNICA EM: A POÇÃO PERDIDA





HORAS DEPOIS

GRUPO : Ana Beatriz,
Isabella,
Maria Eduarda
e Ramon

Uma Visão do futuro





GRUPO: ANA LUIZA, CATHARINA, FRANCISCO e BRUNO

Decifre-me se Puder

No mês de setembro, nossa escola realizou o II Torneio do Conhecimento, evento em que todas as disciplinas se unem para possibilitarem a integração entre pais, alunos, professores e funcionários, além de unirem aprendizado, conhecimento e entretenimento. Nele acontecem festival de talentos, quiz de conhecimentos gerais, experimentos científicos, pesquisas de pensadores, atividade esportiva e um circuito de conhecimentos.

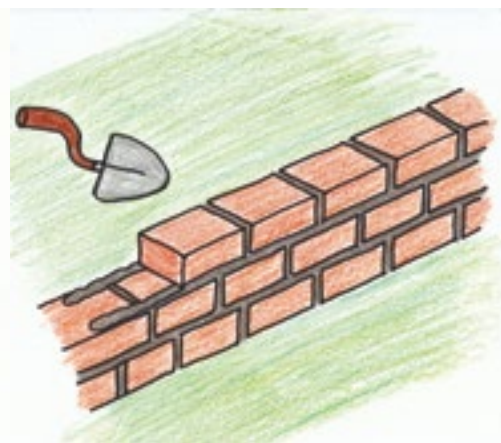
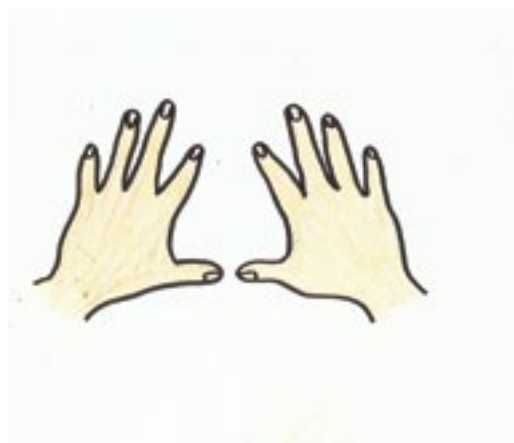
Este ano, no circuito, a proposta levada por nós, professoras de português, foi a decifração de uma carta enigmática, tipo de texto em que há a mistura das linguagens verbal e não verbal e que, para descobrir a mensagem, é necessário substituir as imagens por letras.

O sucesso foi tamanho que resolvi levar a proposta para a sala de aula. Primeiro, com mais calma, os alunos tiveram a oportunidade de rever a carta utilizada no Torneio. Em seguida, foram convidados a trabalhar em grupos e a criar outras cartas enigmáticas, misturando realidade e ficção. E por fim, após a confecção das cartas, nos divertimos com um circuito em que cada carta deveria ser decifrada pelos outros grupos.


Os trabalhos ficaram incríveis, com narrativas diferentes e desenhos caprichados! Não poderia guardar essa lembrança apenas comigo, por isso venho aqui dividi-la com vocês...



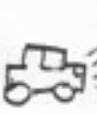
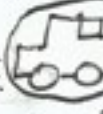
Agora o desafio está feito! Ativem suas mentes e decifrem-nas se puderem (e se não conseguirem, vocês encontrarão as respostas no final)!


(Ivi Barile)



- Ontem eu recebi uma carta. Era assim:

Descubra essa  + RADA:

Atroz com  - LiZ + iJÃO, queijo
com  - LA +  . Mas eu

não estou com  - N + M, eu
só quero 1 abração. Se você

não   - A + EN, Vá

até o P +  - T + ÃO. Lá

você terá mais 
para esta

ADIVINHAÇÃO!

GRUPO: GABRIEL, GUSTAVO, GIOVANNA

Respeitável Fôher,

Hoje vai haver um  - cante +

que no  - a + o com 

- e + ias. Avisem os  + 

+ s, pre +  as tro +  e retire

as  + os + . Vai ser a

  expedição. Grato, comandante:

A + 1.000 +



Grupo: Ana Clara, Duda, Francisco, Guilherme, Pedro L. e Ramon

Bombeiros,

S.O.S.



-A + EIROS, ME PERDI NA



+ ESTA

E NÃO SEI MAIS VOLTAR. ESTOU TENTANDO



-DIO + NDER ESSA CARTA EM UM PASSARO Q

IRÁ LEVÁ-LA ATÉ VOCÊS PARA ME AJUDAREM A SAIR

DESTE LUGAR. A FLORESTA FICA MUITO LON+



LATINA DA CIDADE E EU NÃO CONSIGO VOLTAR. ENCONTÁEI



UMA -ALO + ERNA E VOU DEIXAR UMA



-RNEIRA

+CHA EM CIMA. ESPERO QUE VENHAM



-A + O.

A DEUS, TAKE




-UA.


GRUPO: AMANDA, ANA BEATRIZ, ANA LUIZA, CATHARINA, DAVI.


Oi, amiga,

Conheço uma ár +  - lante + re de framboesa


rosa, mas quando a luz bate ela fica amarela.


dá tem muitos micos que ata +  - rro + m



as pe +  - ijo + nas feutinhas que têm asas

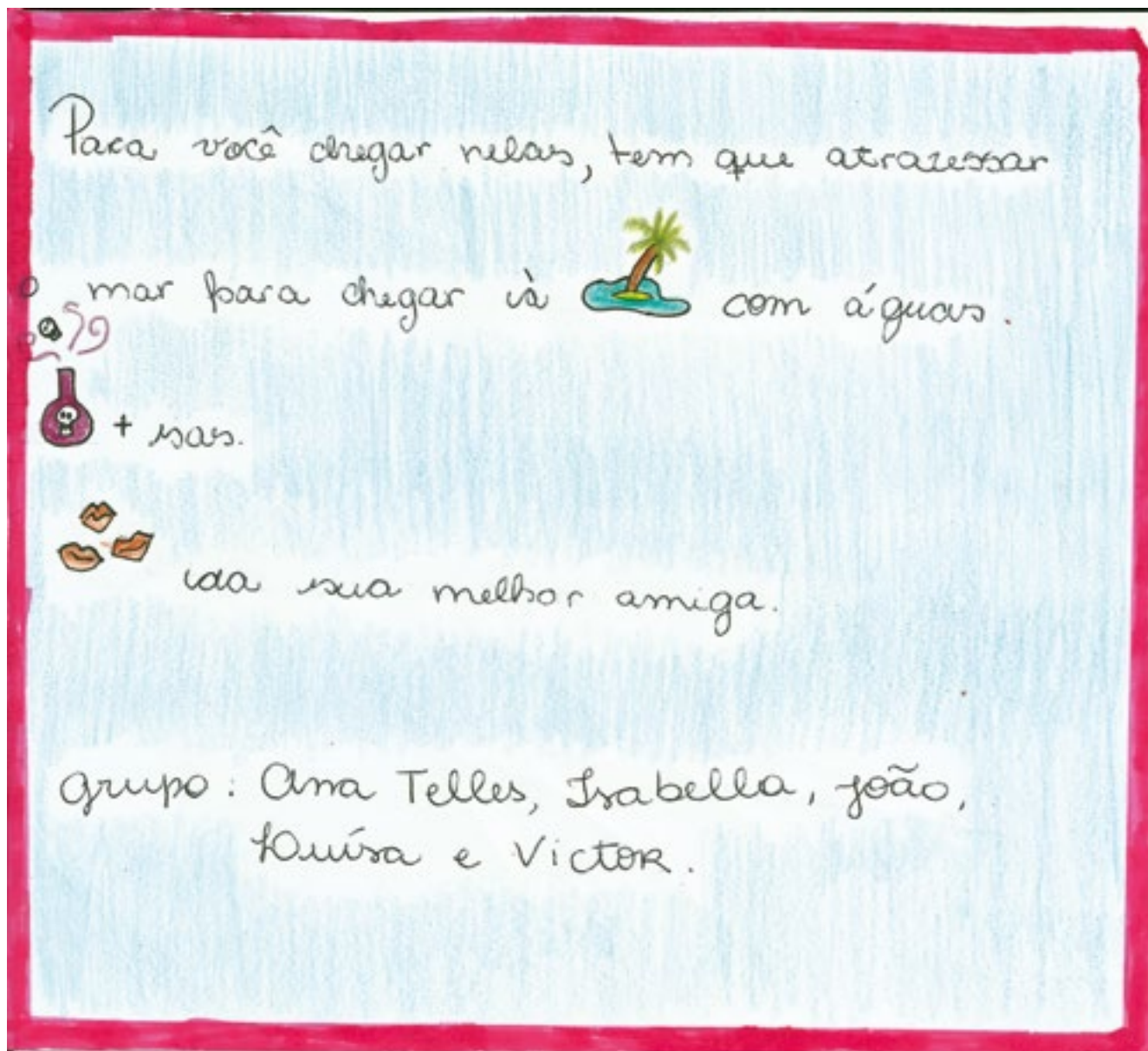
quando os  - lhos + cos atacam, elas fogem

zoando.

A árvore tem  - to + lhos computadores como **1**

pericopo de  - sol + fa, e as folhas são de

 - ia + ed +  - pi - doce.



Respostas:

1ª carta: Ontem eu recebi uma carta. Era assim: "Descubra essa charada: arroz com feijão, queijo com macarrão. Mas eu não estou com fome, eu só quero um abraço. Se você não entender, vá até o porão. Lá você terá mais pistas para esta adivinhação."

2ª carta: Respeitável Fühler, hoje vai haver um ataque no porto com navios. Avisem os soldados, prepare as tropas e retire as pessoas. Vai ser a maior expedição. Grato, comandante Amilton Leite.

3ª carta: Bombeiros, S.O.S. bombeiros, me perdi na floresta e não sei mais voltar. Estou tentando prender essa carta em um pássaro que irá levá-la até vocês para me ajudarem a sair deste lugar. A floresta fica muito longe da cidade e eu não consigo voltar. Encontrei uma caverna e vou deixar uma tocha em cima. Espero que venham logo. Adeus, Jake Ling.

4ª carta: Oi, amiga, conheço uma árvore de framboesa rosa, mas quando a luz bate ela fica amarela. Lá tem muitos micos que atacam as pequenas frutinhas que têm asas. quando os micos atacam, elas fogem voando. A árvore tem galhos compridos como um pescoco de girafa, e as folhas são de algodão-doce. Para você chegar nelas, tem que atravessar o mar para chegar à ilha com águas venenosas. Beijos da sua melhor amiga.

Eros e Psiquê

Eros e Psiquê – uma história de amor revelada por Ferreira Gullar

Dentre as histórias da mitologia grega, uma das mais belas e das poucas que têm final feliz é a história de amor entre Eros, deus do amor, e Psiquê, uma mortal. Um amor verdadeiro que nem o ódio da bela Vênus pôde conter.

Somadas a essa história universal e atemporal, encontram-se as palavras escolhidas no universo poético impecável de um dos poucos escritores brasileiros que poderia tecer esse romance de forma tão avassaladora, fiel e bela: Ferreira Gullar.

Ao encantamento com a narrativa de Eros e Psiquê, seguiu-se então o desejo de mergulhar na vida e obra daquele tradutor-poeta tão cuidadoso e envolvente. E, a partir dessa experiência, surge o trabalho que segue. Uma mistura de pesquisa, criação e recriação que os alunos do 8º ano oferecem a você, leitor.



Nas próximas páginas, poderemos conhecer um pouco sobre o trágico romance e seu autor, Apuleio, e também sobre o artista que o traduziu e nos encanta com suas poesias, Ferreira Gullar.

Uma pequena homenagem ao escritor que completou 80 anos e que humildemente fala assim de sua inconfundível obra:



“Minha vida é um improviso. Sempre foi.

Escrever foi casual, decorrência de acidentes.

Jamais pensei em construir uma obra.

Tudo accidental.”

Aproveitem!

(Mônica Scheer)

Apuleio

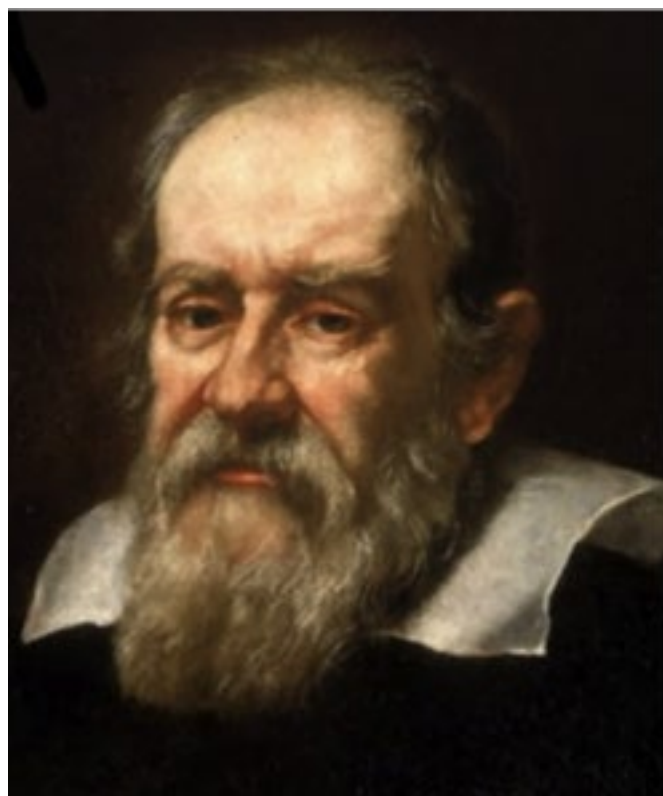
Nasceu em 125 D.C na cidade de Madura, atualmente Argélia. Era uma cidade pequena, mas muito importante para Roma. O pai de Apuleio era um cônsul, um cargo de destaque na Roma antiga. Depois de estudar gramática e retórica, ele se mudou para Cartago, onde estudou música, filosofia, poesia e geometria. Terminou seus estudos em Atenas. Casou-se com Emilia Pudentila, uma viúva rica.

Sua obra mais famosa é *Metamorphoseon Libri XI*, em português, Onze livros de metamorfose, mais conhecido como *O asno de ouro*. Também escreveu *Floridas* y *De deo Socratis* e *Eros e Psique*. Morreu em 180 D.C em Cartagos.

Gabriel, João Pedro e Victor Hugo

Eros e Psiquê (Adaptação)

Em uma cidade, havia um rei e uma rainha com três filhas, sendo uma delas de notável beleza. Pessoas de diferentes partes do país foram atraídas para conhecer essa jovem de beleza comparável à da própria Vênus, a deusa do amor.



Essa crença foi crescendo tanto que chegou aos ouvidos da deusa que, de raiva, mandou Eros vingá-la, castigando a beleza da jovem Psiquê. A vingança seria fazê-la apaixonar-se por um homem parte-diabo, um monstro.

O pai de Psiquê desconfia que essa beleza seja uma maldição divina e então procura o oráculo de Mileto implorando um marido para a filha. O oráculo manda o rei levar a filha ao alto de um rochedo na espera de um monstro cruel, mas o que ele quis dizer foi que Psiquê teria que se casar com a morte. O dia de Psiquê casar chegou, ela foi sozinha ao ponto mais alto do rochedo. De repente, uma brisa acaricia o vestido da bela virgem, enche-o de ar e a ergue, levando-a até um bosque, onde ela encontra uma casa construída por mão divina. Quando se aproxima, percebe que a casa agora era seu lar. À noite, Psiquê recebe a visita do marido, mas ele a avisa de que não poderá vê-lo, não poderá conhecer o rosto de seu marido em hipótese alguma. Ela ouve-lhe a voz e sente o toque de suas mãos. Seu marido diz-lhe que uma fortaleza cruel a ameaça com perigo mortal, diz também que

suas duas irmãs acham que está morta e que irão ao rochedo onde a deixaram, mas avisa que, se ouvir lamentos, não deve responder, senão o pior poderá acontecer. Psiquê implora por trazer as irmãs para sua casa, do mesmo modo como aconteceu com ela. Seu marido então ordena a Zéfiro, Deus dos ventos (quem a transportou para sua casa) que traga suas irmãs a fim de acalmar seus corações.

Ela explica às irmãs o que aconteceu e depois as leva para conhecer tudo que a mansão divina tem a oferecer. As irmãs de Psiquê começam a sentir uma enorme inveja, perguntam com quem está casada e Psiquê inventa uma mentira, pois se lembra do que o marido dissera. Quando voltam para o rochedo, as irmãs já estão possuídas pela inveja, assim, elas resolvem não falar para a família que Psiquê estava viva. Enquanto isso, Psiquê escutava de seu marido que suas irmãs estariam tramando uma armadilha em que iria cair, mas a bela jovem, mesmo assim, as chama de volta a sua casa. As duas irmãs iludem Psiquê, fingindo carinho e afeição.

E mais uma vez perguntam sobre seu marido, sua família. Psiquê inventa uma nova história, diz que o marido realiza grandes transações financeiras e que já tem cabelos grisalhos, enche-as de presentes e manda Zéfiro levá-las de volta.

Quando chegam a casa, as irmãs percebem que Psiquê estava mentindo e que ela não conhece o próprio marido. Quando voltam à sua casa pela terceira vez, afirmam que ela dormia todas as noites com um monstro e que ela deveria matá-lo para sua própria segurança.

De noite, Psiquê levantou, pegou sua lâmpada e seu punhal, mas, quando ia dar o golpe, a lâmpada iluminou o rosto do marido e ela vê que, diante dela, estava o Deus Eros. Ela deixa cair a lâmpada em Eros e ele acorda, puxa-a pela perna e, nos ares, explica tudo que estava acontecendo. Desde o pedido de sua mãe por vingança até seu amor por ela.

Psiquê percebe, então o plano de suas irmãs. Eros diz que ela precisa ir embora antes que Vênus a encontre. Ela chega à cidade, vê um dos maridos de suas irmãs e conta o que aconteceu. Inventa uma mentira dizendo que Eros mandou a sua outra irmã ser sua rainha. A irmã, iludida, se joga do rochedo esperando Zéfiro segurá-la como das outras vezes, mas isso não acontece e ela morre despedaçada no rochedo.

Enquanto isso, uma gaivota branca voa até Vênus e conta-lhe da traição de seu filho. Vênus, indignada, dirige-se aos aposentos de ouro e ameaça o filho, humilha-o, promete um filho melhor e adotar um dos escravos para dar-lhe suas asas, sua aljava, seu ouro e suas setas.

Após sair do quarto de Eros, Vênus explica tudo a Ares e pede um favor a ele e a Juno. Pede que eles encontrem Psiquê, porém eles defendem a causa de Eros e o elogiam, visando ganhar sua simpatia e assim livrar-se de suas flechas. Vênus vê que eles não a levam a sério, então dá-lhes as costas e vai.

Enquanto isso, Psiquê caminha ansiosa para ver o marido. Após longa espera, encontra com Ares que lhe avisa que Vênus quer vingança. Psiquê suplica, pede para ficar entre os montes de espigas por apenas alguns dias, mas Ares recusa por lealdade à Vênus. Psiquê volta a andar, para e suplica que Juno apareça, e assim aconteceu, porém, mais uma vez foi recusada a ajuda. Abatida, Psiquê perde a esperança de rever Eros, pensa que se os Deuses não ajudam, como irá vencer Vênus?

Vênus desiste de procurar na terra. Manda preparar o carro que Vulcano lhe deu, vai à procura de Mercúrio e manda, como missão, achar Psiquê. Ele não hesita em aceitar. Saiu em todos os lugares falando as recompensas de quem a achasse. Porém, Psiquê já teria chagado à casa de Vênus que, quando a vê, cai em risadas, chama duas servas que a levam para torturá-la, chicoteiam-na e quando a devolvem, Vênus logo começa a arrancar suas roupas, seus cabelos, batendo-lhe cruelmente.

Enquanto isso, Eros está em seu quarto, severamente vigiado. Sob o mesmo teto, mas separados, os dois passam uma noite bem triste.

Vênus lhe passa impossíveis tarefas, que, ajudada pelos deuses, ela consegue superar.

Eros consegue escapar, vai ao céu e pede a Júpiter que tome seu partido. Uma assembleia dos deuses é convocada por Mercúrio a pedido de Júpiter. Na assembleia, a conclusão é que Eros e Psiquê fiquem

juntos. Vênus é alertada para que não envergonhe sua família. Mercúrio rapta Psiquê, que chega e bebe um copo de ambrosia, a única forma de torná-la imortal, podendo assim ficar com Eros para sempre. Junto a todos os deuses, Eros e Psiquê se casam, Vênus dança e as Musas cantam belamente.

Assim, Psiquê se tornou esposa de Eros. Dessa união nasceu uma filha, a quem chamaram de Volúpia.

Villela, Corrêa, Nuno e Camila Borges



Ferreira Gullar

Nasceu em São Luís do Maranhão, em 10 de Setembro de 1930, com o nome de José Ribamar Ferreira. É um dos onze filhos do casal Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart.

Sobre o pseudônimo, o poeta declarou o seguinte: “Gullar é um dos sobrenomes de minha mãe, e Ferreira é o sobrenome da família, eu então me chamo José Ribamar Ferreira; mas como todo mundo no Maranhão é Ribamar, eu decidi mudar meu nome e fiz isso, usei o Ferreira que é do meu pai e o Gullar que é de minha mãe, só que eu mudei a grafia porque o Gullar de minha mãe é o Goulart francês; é um nome inventado, como a vida é inventada eu inventei o meu nome”.

Ele foi um dos criadores do neoconcretismo e produziu obras de diversas áreas como ensaio, tradução, biografias, críticas de arte e poesias.

Ferreira Gullar recebeu diversos prêmios e “títulos” importantes durante sua vida, entre eles, em 2014, seu reconhecimento como um imortal pela Academia Brasileira de Letras. Título que recusou por não se considerar um acadêmico.

*Laur, Maria Júlia,
Morena e Sofia*

Um pouco de poesia!

Agora, o leitor vai experimentar um pot-pourri de poesias de Ferreira Gullar!

Isso mesmo! E, só por curiosidade, vejamos de onde surgiu esse termo. Pot-pourri de pot (pote ou panela) + pourri (podre). Segundo o Trésor de la Langue Française, surgiu em 1564 com o sentido de ensopado de carne com legumes, numa tradução literal do espanhol olla podrida, de significado idêntico.

A ideia de mistura causou a expansão metafórica de pot-pourri, que não demorou a adquirir a condição de obra artística composta de trechos de outras obras.

Esse salto semântico leva no mesmo dicionário as datas de 1694 para a literatura e 1711 para a música. Com você, um pouquinho de várias poesias de Ferreira Gullar, escolhidas com carinho por nossos alunos:

Noah, Camila Costa, Leonardo e Maria Clara

Razão da vida

Uma parte de mim
É todo mundo
E a noite carrega o dia
Como um tempo de alegria

Quando você for se embora
Moça branca como a neve
Por trás do terror me acena
Sei que a vida vale a pena

A poesia, é de fato, o fruto
Por isso o poeta tem que falar baixo
Porque, se falo alto, não me escuto

É esta consciência que existo
Cada vez mais desaprender
Que a sorte me livre do mercado
Continuar fazendo sem o saber.

Mas como era o nome dela?

Me é sabê-lo
Enquanto dura me é dado
O infinito universo constelado.

Mas como era o nome dela?
Seu nome seu nome era...
Nem Nara nem Gabriela
Nem Helena nem Vera.

Portanto, o que se foi,
Se volta, é feito morte.
Então por que me faz
O coração bater tão forte?

Nos Passos da História

O homem possui uma forte ligação com o ato de narrar, contar histórias, desde os tempos mais primórdios. Mesmo sem saber escrever e com uma comunicação ainda não tão evoluída, nada o impedia de relatar um determinado acontecimento misturando realidade e fantasia, exagerando um pouco nos detalhes e modificando outros...



Assim, algumas dessas narrativas dos povos antigos foram sendo passadas oralmente de geração a geração até a criação da escrita, quando finalmente puderam ser inseridas em livros. É por isso que hoje, temos acesso a essas histórias, como por exemplo, as novelas medievais de cavalaria, as fábulas de La Fontaine, as lendas do Oriente, as parábolas bíblicas e os contos dos irmãos Grimm.

Esses textos foram divididos posteriormente de acordo com sua linguagem e estrutura. Assim temos como alguns dos gêneros: a novela, o romance, a fábula, a crônica, a história em quadrinhos, a notícia e o conto. Esse último traz como características principais, sua brevidade, a utilização de poucos personagens, tempo e espaço reduzidos, além de possuir um enredo centrado em apenas um conflito.

Os alunos do 8º ano este ano travaram contato com diferentes tipos de contos. Aprenderam suas características e analisaram e interpretaram as informações que vão muito além das linhas escritas.

Para colocarem seus conhecimentos em prática, participaram de um jogo chamado Autoria, em que, em grupos, e a partir de uma temática, criaram personagens, ambientes, pensaram na época dos acontecimentos e, através de muito diálogo, seriedade e diversão, foram desenvolvendo seus enredos. Ao final, roteirizaram suas histórias e produziram um trailer-propaganda para elas, exibido no nosso II Festival Leitores do Mundo.

Aqui você encontrará leituras bastante criativas, frutos de muito trabalho e dedicação!

(Ivi Barile)



O Mestre

Todos os anos, na China, havia um torneio de luta em que todos os mestres alistavam seus aprendizes.

Young Lee, um mestre muito famoso, foi inscrever Uzumak e, ao chegar a seu destino, avistou seu inimigo de infância, o mestre Jiang, que também inscrevia o seu discípulo, Takan.

— Que coincidência você por aqui! Não gostaria de ir a um bar comigo para brindar até onde chegamos?

— perguntou o mestre Jiang.

— Não sei se é uma boa ideia...

— Ah, por favor, passado é passado, agora somos homens maduros.

Young aceitou o convite, mas em um descuido acabou não percebendo que Jiang havia colocado uma substância estranha em sua bebida, que adquirira com uns comparsas do mercado negro. Quem a bebia perdia os sentidos e passava a ser controlado por aquele que havia lhe dopado.

— Ha, ha... Achou mesmo que eu tinha esquecido o que aconteceu? Eu nunca perco! Tão tolo... Agora eu estou no comando. Volte e faça seu aprendiz se machucar até não poder mais lutar.

O bom mestre voltou e informou a Uzumak que tudo havia corrido bem na inscrição e que já deveriam começar a treinar para o torneio. Entretanto, começou a ensinar-lhe diferentes técnicas de luta que acabaram machucando muito o rapaz.

O jovem acabou percebendo que seu mestre estava estranho e, não conseguindo conversar com ele, decidiu segui-lo ao final dos exercícios.

Sempre à espreita, viu seu mestre se aproximar de Takan, que falava ao telefone com Jiang.

— Sim, ele está aqui e fez tudo o que foi mandado. Sem dúvida vou ganhar o torneio! Mas como você conseguiu? Ah, o senhor é um gênio! E como aquele fedelho poderá curar seu mestre? Lutando e ganhando dele?! Ha, ha! Isso ele não vai conseguir, pois não tem tanta experiência! Obrigado, nos vemos amanhã!

A vontade de Uzumak era partir para cima de Takan naquele exato momento, mas preferiu se concentrar e bolar um plano, pois tinha que ajudar o mestre Lee a voltar ao normal. Regressou a sua casa determinado a, no dia seguinte, lutar contra seus adversários e ganhar.

— Eu consigo! Amanhã irei enfrentá-los e acabarei logo com isso.

O rapaz passou o resto da noite treinando sozinho no quintal de sua casa e foi dormir pensando em tudo o que havia planejado.

No dia seguinte, encontrou-se com seu mestre e, depois do treino, que já não foi tão sofrido, já que ele sabia do que se tratava, seguiu-o novamente até o local em que Takan treinava. Ao chegar, gritou:

— Apareça! Você não vai escapar dessa!

— Ah, pode apostar que vou! — retrucou o adversário saindo de trás de uns biombos no canto do enorme salão.

E então a luta entre os dois começou, até Uzumak cair. Quando levantou, não encontrou mais seu rival e gritou novamente:

— Cadê você?

— Ele não está aqui... Na verdade está, mas não está... — falou Jiang surgindo de repente.

— Como assim?

— Ai, ai... O Takan sou eu. Na verdade, ele é um clone meu mais jovem, mas não faz ideia, apenas me obedece. Eu o dispensei, pois prefiro tratar desse assunto diretamente com você, que resolveu se meter no meu caminho!

— Tudo bem, mas... por que está fazendo isso? O que o mestre Young Lee fez a você?

— Já faz muito tempo... Quando éramos jovens, em uma famosa competição, para a qual eu havia treinado muito, seu mentor me ganhou. Aliás, em tudo ele me ganhava e agora está na minha vez de ser vencedor! Sem você no torneio, Takan irá vencer e o prêmio será meu!

— O senhor Lee não merece isso! Se ele o ganhou no passado é porque você não era capaz. Além disso, sou bem treinado há anos por ele e tenho certeza de que derrotarei seu clone!

— Não se você não comparecer ao torneio! Ha, ha, ha!

Jiang começou a correr para a porta a fim de trancá-la, mas Uzumak era mais ágil e conseguiu impedi-lo pulando e agarrando-o pelos pés. Conseguiu pegar as chaves e os trancou dentro do enorme salão, pois tinha que salvar o mestre de qualquer jeito.

Os dois começaram a lutar até Jiang, cansado, olhar para Young, que até então estava ali parado como se estivesse “desligado”, e o mandar lutar contra o pupilo.

— Young, não fique aí parado, acabe logo com ele!

Então o mestre foi para cima de seu discípulo, assim iniciando a luta. Após um longo tempo, o jovem finalmente conseguiu vencê-lo e despertou-o do “transe” em que se encontrava.

— Uzumak, me desculpe! Apesar de eu ter consciência, era como se estivesse preso a uma armadura com vontade própria! Eu sabia que você conseguiria! Agora vamos acabar com ele! — declarou dando, em seguida, um chute na cara de Jiang, iniciando novamente uma luta.

Por fim, Uzumak conseguiu nocautear Jiang vencendo-o.

Os dois amigos, mentor e aprendiz, se abraçaram.

— Eu falei que você era capaz, mas infelizmente você não poderá mais lutar no torneio...

— Mas por quê? Achei que estivesse preparado...

— E você está, aliás muito mais que isso... Porém o torneio é só para aprendizes e hoje você me mostrou que merece se tornar um mestre! — falou Young logo em seguida se curvando diante de Uzumak.

Camila Costa, Leonardo, Maria Clara, Nuno e Pedro Corrêa

Causa Simbiótica

Amigos de longa data, Manoel e Mônica costumavam se encontrar uma vez por mês para conversarem sobre a família, o trabalho e o mundo do qual faziam parte: o do crime. Na última vez que saíram, Manoel deixou-a em casa antes de voltar para o trabalho, pois, como comandante da polícia, era necessário que passasse a noite na delegacia de vez em quando.

Naquela madrugada, Manoel despertou com uma ligação que informava que Mônica havia sido assassinada. Perplexo, ligou para seu melhor policial.

— Ricardo, venha aqui, por favor. Tenho uma missão para você! Uma grande amiga minha foi assassinada hoje de madrugada e preciso que você descubra quem está por trás disto e mate esse delinquente!

— Ok, comandante, deixa comigo.

Após se encontrarem e de receber todos os detalhes, Ricardo resolve ir até um bar muito frequentado pela polícia, pois era o melhor lugar que considerava para refletir e até para encontrar informantes.



— Oi. — Escuta uma voz atrás dele.

Ricardo vira e se depara com uma garota de aparentemente 20 anos.

— Oi, quem é você?

O jovem descobre que seu nome é Helena e que trabalha como detetive. Eles ficam conversando e acabam virando grandes amigos. Após contar-lhe sobre a investigação que teria que fazer, Helena fica interessada e resolve ajudar.



No dia seguinte, em meio a uma investigação pelos arredores onde Mônica havia sido morta, o policial recebe uma ligação sua.

— Alô, Ricardo, eu descobri uma informação que pode ser muito útil: a Mônica tinha uma irmã chamada Aline.

— Que ótimo! Você está indo melhor do que eu! E você tem o contato dela? Será que a gente podia marcar uma visita para fazer algumas perguntas?

— Sim, você está com sorte! Embora ela more na Austrália, chegou hoje ao Brasil. Já marquei um encontro para hoje à tarde.

— Me passa o endereço que te encontro lá!

São muito bem recebidos por Aline no hotel em que estava hospedada. Entretanto, não conseguem nenhuma informação diferente das que já tinham. Mesmo assim, Ricardo estava desconfiado, pois havia alguma coisa naquela doce e educada irmã que não o convencia. Despediu-se de Helena e ficou de tocaia, esperando alguma movimentação estranha no hotel.

Após algumas horas, vê a jovem saindo e a segue até uma praça onde ela se senta e faz uma ligação. Cautelosamente, o tira se aproxima conseguindo ouvir parte da conversa e, para sua surpresa, ela informava a alguém que sabia quem era o assassino.

Ricardo vai até à casa de Helena para lhe contar a notícia, porém não a encontra. Ela também não atende as suas chamadas. Repara que o portão está aberto e resolve entrar. A porta da casa estava encostada e não havia ninguém por lá. Tudo estava muito estranho. Subiu até o quarto de Helena e encontrou vários papéis e fotos em cima de sua cama. Uma carta amassada informava que Helena era filha de Manoel e Mônica. Havia papéis com o registro da sua adoção também.

A cabeça de Ricardo começava a trabalhar rapidamente e intensamente. Sabia que o Departamento de Polícia era muito rigoroso e, pela época, Manoel e Mônica estavam começando suas carreiras. Deviam ter preferido não assumir o relacionamento, caso contrário um dos dois seria transferido. A solução era a adoção. As peças começavam a se juntar... Agora fazia sentido a jovem detetive ter se aproximado no bar, as perguntas que lhe fizera, o jeito confidente e a presteza no caso. Provavelmente se tornara detetive para descobrir sobre seu passado e, não se conformando, resolveu matar a mãe biológica. Agora, provavelmente, estava indo atrás do pai.

Ricardo sai correndo rumo à casa do chefe. Pela janela, vê Manoel amarrado em uma cadeira e Helena apontando-lhe uma arma. Àquela altura, ela já tinha lhe contado toda a história e estava prestes a matá-lo. Sem muito tempo para pensar, o rapaz arromba a porta e acaba sendo atingido em sua perna caindo no chão, mas logo em seguida saca sua arma e atira no pé de Helena a fim de imobilizá-la. Pra sua sorte, esta cai sobre a mesa e desmaia com a pancada em sua cabeça.

O agente se levanta, solta Manoel da cadeira e liga pedindo reforços. Ao chegarem, o comandante leva seu colega até a ambulância e agradece-lhe imensamente.

Helena é condenada a vinte anos de prisão e Aline também acaba sendo presa por ter omitido informações da polícia.

Gabriel, Morena, Noah, Pedro Villela e Sofia

A Última Chance

Tudo começou em 1715, quando uma feiticeira muito poderosa, após ter uma visão de que o mundo iria acabar em trezentos anos, criou o cristal da instabilidade: o objeto mais poderoso do mundo, que garantia a proteção do planeta enquanto estivesse inteiro.

Suas irmãs gananciosas, na tentativa de roubarem a pedra para aumentar seus poderes, iniciaram uma batalha que resultou em suas mortes e acabou por partir o objeto em três pedaços.

Cada pedaço foi dado para cada uma de suas filhas. Assim, o mundo estava condenado a acabar caso o cristal não fosse unido no ano previsto para o seu fim.

Com o passar do tempo, os três pedaços foram escondidos e cinco pistas foram feitas e distribuídas para que no futuro eles pudessem ser encontrados por membros da família Maia. A primeira foi deixada sozinha e continha toda a explicação da maldição. Já os pedaços, vinham acompanhados de charadas para auxiliar na descoberta dos outros.

300 anos depois...

Uma garota morena muito bonita andava pelos corredores de sua escola acompanhada de sua amiga. A menina tinha em seu pescoço um pedaço de uma pedra preciosa pendurada em uma cordinha, herança de família. Havia sido encontrada por sua tataravó e desde então era passada de geração a geração.

— Amiga, fica tranquila! Isso é só uma lenda, ninguém acredita nisso!

— Eu acredito, ok? Eu quero só ver se isso acontecer de verdade! Você vai morrer de medo!

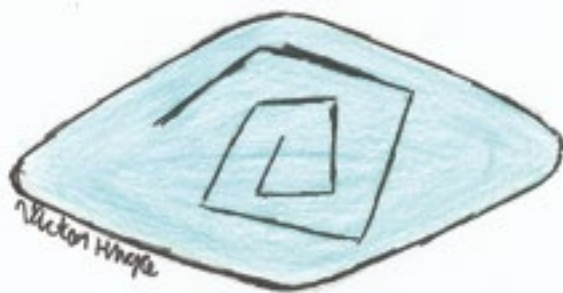
— Deixa de ser burra! O mundo não acaba assim de um dia para o outro. Isso não existe!

— Tudo bem. Depois não diz que eu não avisei!

Sua amiga se despediu e entrou na sala de aula, deixando-a sozinha. Marina não acreditava naquele mito de que o mundo iria acabar em alguns meses. Por que acabaria? Qual era o motivo? Aquilo não fazia o menor sentido!

Em outro lugar da cidade, um garoto loiro de olhos azuis lia uma carta que havia encontrado no porão de sua casa enquanto o limpava.

“Não sei o seu nome e o que faz da vida, se já trabalha, se ainda estuda. Mas, isso não importa porque preciso te contar uma coisa: A pedra da instabilidade, que garante que o mundo não acabe, quebrou-se. Você precisa encontrar os três pedaços, senão o mundo será extinto. A pedra é da cor de gelo e tem um símbolo em preto. Encontre os três pedaços e junte-os antes que seja tarde demais...”



Logo após Arthur terminar de ler a carta, ouviu uma sirene tocando. Droga! Era o quarto terremoto só aquela semana! Olhou pela janela e viu o que já era esperado: a cidade se tornara um caos em segundos. Pegou seu gato e saiu correndo para o abrigo mais próximo.

Não muito distante dali, todos os alunos da escola estavam escondidos em um abrigo subterrâneo embaixo da escola.

— Está faltando um garoto na sala do segundo ano! — Gritou o professor de Física.

— Arthur Maia não veio à aula. Provavelmente está em casa. Não se preocupe. — respondeu o inspetor.

Depois de algum tempo, o terremoto parou e todos puderam sair de seus refúgios.

Até quando aquelas tragédias naturais continuariam acontecendo? Para muitos, aqueles eram os sinais do fim dos tempos.

No dia seguinte, novamente, Arthur estava atrasado para o colégio, mas não poderia faltar como fizera no dia anterior, pois tinha que apresentar um trabalho. Entrou na escola correndo, mas quando estava chegando a sua sala, esbarrou em uma garota morena fazendo com que seus livros caíssem no chão.

— Me desculpe. — Falou afobado e catando o material espalhado.

— Sem problemas. — Respondeu a garota se levantando e ajeitando o cabelo.

Ao levantar a cabeça, Arthur tomou um susto ao ver o colar da menina. A pedra em seu colar tinha as mesmas características anunciadas na carta que lera no dia anterior. Coincidência? Era exatamente igual: cor de gelo com um símbolo em preto.

Será que aquela garota sabia algo sobre aquela pedra? Possivelmente não, mas ele teria que contar!

— Qual é o seu nome?

— Marina, e o seu?

— Arthur. Posso falar com você depois da aula?

Marina ficou confusa, mas aceitou. Já tinha o visto algumas vezes na escola e sabia que ele não era problemático.

No final do dia, os dois se encontraram perto das escadas e, depois de explicar-lhe que se tratava de uma informação importantíssima e ultrassecreta, convenceu-a a entrar no quartinho de materiais de limpeza da escola.

— Tenho que te mostrar algo. — Disse puxando a carta de seu bolso.

Ele abriu-a e entregou à garota. Assim que acabou de ler, ela pegou seu colar e olhou-o atentamente.

— Espera, você acha que...

— Só pode ser.

— Claro que não! Isso é impossível! Algum amigo seu deve ter escrito isso só para te zoar. — Falou devolvendo-lhe a carta.

— Em primeiro lugar, não tenho muitos amigos e os que eu tenho não fariam isso. Em segundo, achei essa carta no porão de casa. Nunca levei ninguém lá.

— Essas coisas sobrenaturais não existem!

— Como você pode ter certeza? Você não acha muita coincidência: a carta, o colar, as tragédias que têm acontecido...? Está tudo interligado! — Disse o jovem convencido de seus argumentos.

Marina se manteve calada, mostrando-se convencida para não decepcioná-lo.

— Tá, então se nós vamos realmente “salvar o mundo”, precisamos dos três cristais, Arthur. Você tem os outros dois? Acredito que não, né?

— Eu sei, mas já temos o do seu colar, agora faltam só mais dois.

— Só mais dois? Você acha que vai ser fácil achar?

— Não, mas não podemos deixar de tentar. Eu achei a carta, você tem uma das pedras e nos encontramos justamente no ano em que dizem que a profecia irá se cumprir. Estranho, não?

— Vou pensar... Bem, está na minha hora e tenho que ir para casa, mas amanhã a gente se fala. — Disse arrumando seus livros nos braços.

Quando ela estava quase saindo, ele agarra seus braços.

— Hey, não suma! E não desista!

— Pode deixar! Agora me solta.

No final do dia seguinte, Marina estava quase saindo colégio, quando ouviu alguém a chamando.

— Marina, espera!

A garota virou para trás observando o novo amigo se aproximar.

— O que foi? — Perguntou impaciente, pois estava louca para ir para casa.

— Temos pedras para juntar, lembra? — Falou rindo levemente.

— Ah, é... Vamos para minha casa e lá vemos o que podemos fazer.

— Podemos perguntar para sua mãe o que ela sabe sobre a pedra, pois na carta que encontrei dizia que cada cristal estava acompanhado por uma charada.

— Pode deixar.

— MÃE, CHEGUEI! — Gritou enquanto entrava em casa e procurava a mãe com os olhos.

— Menina, já te falei para não gritar dessa maneira! Eu ainda não sou surda...

Quando entraram na sala, sua mãe parou de falar ao se deparar com o menino ao lado de sua filha.

Não podia ser! Era a cara de sua falecida irmã. E, além disso, tinha alguma coisa a mais. Aqueles olhos e o sinal de nascença... Era seu sobrinho! O mesmo que havia sido levado ao nascer quando sua querida irmã dera à luz.

A mulher começou a chorar.

— Eu não acredito! — Disse em prantos.

— Mãe, a senhora está bem? O que houve? — Perguntou Marina entregando-lhe um copo d'água.

— Meu sobrinho! — Exclamou, agarrando o pescoço de Arthur.

— O quê?! — Exclamaram os dois jovens ao mesmo tempo.

— Eu não acredito... A senhora deve estar enganada. Passei grande parte da minha vida em um orfanato e meus pais adotivos não têm irmãos. Isso não é possível... — Disse incrédulo.

— Quando sua mãe te teve, houve uma complicação que a levou a falecer por conta de uma forte hemorragia. Depois daquele dia, nunca mais ouvimos falar de você. Falamos com todos do hospital, mas era como se você nunca tivesse existido; procuramos durante anos, mas não havia evidências de que você pudesse estar vivo.

— Mas e meu pai? — Perguntou o jovem roendo as unhas.

— Seu pai fugiu quando sua mãe engravidou. Ele era um covarde, um idiota.

— Meu Deus! — Disse a filha colocando a mão na boca.

— Qual é o seu nome? — Indagou a dona da casa.

— Arthur Maia Estevez. Estevez é o sobrenome dos meus pais adotivos.

— Viu só? Você é Maia e nós também! Minha irmã também tinha essa manchinha e esses olhos iguais aos seus. Que bom te ver, menino! Você está tão lindo e grande! — Falou secando os olhos e o abraçando.

O jovem parecia estar convencido e retribuiu o abraço emocionado.

— Espera. Isso quer dizer que nós somos primos? — Perguntou Marina alternando o olhar entre a mãe e o novo amigo.

— Com certeza! — Completou a mãe.

— Eca! — Exclamou fazendo careta.

— Fica quieta, “priminha”. Temos um objetivo aqui, ok? — Falou enxugando as lágrimas com um ar mais leve.

— Tá tudo bem, estava brincando. Mãe, por favor, conte-nos tudo o que você sabe sobre essa pedra. — Pediu, colocando seu colar sobre as mãos de sua mãe.

— Vocês já sabem sobre a pedra? Bom, ótimo, pois poderei resumir. Essa pedra foi quebrada em três pedaços há muitos anos atrás, enquanto feiticeiras lutavam para conquistá-la. Elas morreram lutando entre si, então suas filhas esconderam as pedras e espalharam algumas pistas mágicas, para que integrantes da família Maia, após trezentos anos, pudessem ter a possibilidade de salvar o mundo. Essas pistas mudam de acordo com quem as lê, ajudando ainda mais a encontrar os cristais. Elas estão lá no porão, pois alguma geração anterior já fez o favor de achá-las para vocês, entretanto, só herdei essa pedra de minha família. Apesar de tudo estar guardado no porão, minha família não acreditava nesse presságio. Na verdade, eu já havia me esquecido dele! Vocês têm

que achar as outras duas partes logo, senão, se isso for verdade mesmo, o nosso planeta já era!

Quando a mulher terminou de falar, os garotos saíram correndo para o porão em busca das pistas.

“Um pedaço desse amuleto pode estar mais perto do que imagina. Talvez a pessoa com quem você conviva no seu dia a dia esteja com ela e você não faz ideia.”

— Será que é alguém da escola? — Sugeriu Marina.

— Talvez. Essa cidade é muito pequena para ter muitas opções. — Concordou o garoto, já passando para a próxima pista.

“Também pode estar bem perto, mas longe ao mesmo tempo. Será um pouco mais difícil achar essa peça, mas você conseguirá.”

“Todos os pedaços de cristais já estão em posse de membros da família Maia.”

— Ah, então a primeira peça está conosco e a segunda provavelmente com algum parente distante.

“Não será tão fácil assim. Se quiser a última pedra vai ter que lutar muito para conseguir.”

— Temos que começar a procurar o mais rápido possível. — Exclamou o primo.

— Vocês têm apenas três meses, mas não se preocupem, pois vocês são jovens, são espertos e vão conseguir.

— Disse dona Eliza ao vê-los retornando à sala.

Os alunos tinham acabado de sair para o intervalo e Marina foi sentar com suas amigas.

— Marina, a gente tem que fazer o trabalho hoje, senão vamos nos dar mal em Física.

— Tem que ser hoje mesmo, Clara?

— Sim, tem que ser. Te encontro no final do dia para irmos para minha casa.

A jovem concordou e foi até a mesa onde seu primo estava para poder avisá-lo.

— Arthur, hoje não vai dar para procurar nada. Vou ter que fazer um trabalho na casa da Clara. Depois a gente se fala. — Sussurrou em seu ouvido.

Ao entrar na casa da amiga, foi convidada a se sentar.

— Fique à vontade, vou pegar o material lá em cima para fazermos o trabalho.

A garota passou o olho pela casa inteira e parou na mesinha de centro, esticou o braço e pegou uma caixinha



azul levemente transparente que estava em cima. Ficou observando a caixinha, até que resolveu abri-la.

— Oh, meu deus! — Falou surpresa, logo tapando a boca.

Sem demora, tirou o cristal de dentro da caixa e colocou em sua bolsa, fechou a caixa e a devolveu à mesinha.

— Prontinho! Agora podemos começar o trabalho. — Disse Clara descendo as escadas.

Os minutos demoravam a passar e Marina, distraída e ansiosa, encarava sua amiga e depois seu relógio alternadamente. E assim foi por uma demorada hora.

— Foi mal, Clara, mas eu tenho que ir... — Disse se levantando impaciente. Estava louca para mostrar o objeto ao primo.

— O quê? Por quê?! — Perguntou observando a amiga correr até a porta da frente.

— Tchau! Nos falamos amanhã na escola! — Gritou Marina enquanto atravessava a porta.

— Arthur!

— O que foi, maluca?

— Eu achei!

— Achou o quê?

— O SEGUNDO CRISTAL! — Gritou rindo toda boba.

— Mentira!

— Verdade!

— Como? Quando? Onde? — Perguntou prestando atenção em cada fala da prima, que já tirava o cristal de sua bolsa.

— Vai ser mole conseguir o último cristal até o prazo. Ah, e encontrei na casa da Clara. Parece que ela é nossa parenta distante. — Continuava a rir toda feliz.

Entretanto, passados mais alguns dias, viram que, como a dica informava, achar a última peça estava sendo bem difícil. Os primos já haviam perambulado por vários pontos da cidade e, sempre que tinham oportunidade, iam à casa de algum colega diferente. E nada. Havia feito uma pesquisa procurando todos aqueles que tinham sobrenome Maia, mas perceberam que seria mais difícil ainda, pois a própria Clara não possuía o sobrenome, e sim seu avô.

Nove semanas depois, durante um evento de uma garota nova da escola que havia chamado seus amigos de classe com suas famílias...

— Você tem noção de que só temos mais duas semanas?! — Gritou Marina andando de um lado para o outro.

— Tudo bem, mas o que você quer que eu faça?

— Quero que você ache a pedra! Isso é pedir demais?

— Sim, é sim! Eu não sou adivinho pra saber onde ela está!

— Você é um idiota, isso sim!

— Parem! Vocês brigam há dias! Vocês têm pouco tempo, e esse pouco tempo tem que ser usado devidamente.

Parem, por favor! — Disse dona Eliza olhando para os dois.

Marina saiu bufando e se afastou dos dois.

— Que droga! Ela vive me culpando, mas também não consegue achar nada! — Reclamou.

— Calma, vocês não podem brigar. Vocês têm quem se unir para conseguirem achar a última pedra.

Perto dali...

— Ai, amiga! Você está tão desanimada, isso aqui é uma festa, se anime!

— Eu acho que vou ao banheiro. — Comentou Marina, ignorando completamente o conselho de Clara.

A garota andou até o andar de cima em busca do cômodo e se deparou com um corredor onde estavam expostos todos os prêmios, troféus e coroas que Melissa, a aniversariante, já havia ganhado. Esta, além de ser filha do prefeito da cidade, era muito popular, então é claro, pensava, que havia recebido de mão beijada muitos daqueles prêmios.

Mas uma coisa em especial chamou a atenção de Marina: uma pedra média, cor de gelo, com um símbolo em uma das coroas de Mel.

Quando a garota ia tocar na coroa, uma voz estridente ecoou pelo ambiente:

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou enquanto se aproximava.

— Nada, só estava admirando seus prêmios e sua coroa. Bem bonita, por sinal!

— É, eu sei, ganhei quando fui Miss do país.

— Meus parabéns! — Disse Marina já caminhando em direção ao banheiro para despistá-la.

Ficaram até o final da festa, mas sempre que iam até o corredor de prêmios havia alguma pessoa por perto.

O tempo passou e não conseguiram uma nova oportunidade para entrarem na casa da ex-Miss.

— Temos que pegar aquele cristal o mais rápido possível! — Disse ao primo.

— Eu sei. E tem que ser rápido, porque só faltam dois dias.

— Amanhã mesmo vamos até a casa dela! Vamos ter que entrar sem sermos convidados, como invasores mesmo.

No dia seguinte...

— Pode repetir mais uma vez?

— Nós entramos lá pela janela, pegamos o objeto, juntamos os cristais, e o mundo está salvo! Conversando com a Melissa, descobri que seus pais estarão fora, então será mais fácil com ela sozinha em casa.

Com um pouco de demora, finalmente conseguiram entrar na residência e chegar ao corredor. Quando estavam quase pegando a coroa, escutam uma voz.

— Quem está aí? — Perguntou Mel subindo as escadas.

— Ferrou! — Sussurrou Arthur.

Marina correu e pegou logo a coroa tentando retirar a pedra que estava fortemente grudada. Estavam prestes a juntar os pedaços, quando dois sapatos foram arremessados na direção dos dois.

— Hey! O que estão fazendo aqui? Marina, é você?

Vendo o objeto em suas mãos grita:

— Nem pensem em tocar nesse cristal. Minha mãe disse que tenho que fazer de tudo para protegê-lo.

A garota correu e puxou-a da mão de Marina, que voou e começou a puxar seus cabelos.

— Me solta! — Gritou Mel enquanto tentava se livrar das mãos de Marina.

Era exatamente 23h58min. Eles tinham apenas 2 minutos.

Marina empurrou-a ao chão e a coroa caiu.

— NÃO!

Mel tentou pegá-la de volta, mas Marina já a tinha chutado para Arthur, que rapidamente arrancou o cristal e começou a uni-lo às outras peças.

Uma luz branca muito forte começou a iluminar o lugar. Ele havia conseguido juntar tudo e o amuleto voltara ao normal.

00h00min. O mundo estava salvo. Os dois jovens haviam mudado completamente o destino do planeta.

Grupo: Camila Borges, João Pedro, Laura, Maria Júlia e Victor Hugo.

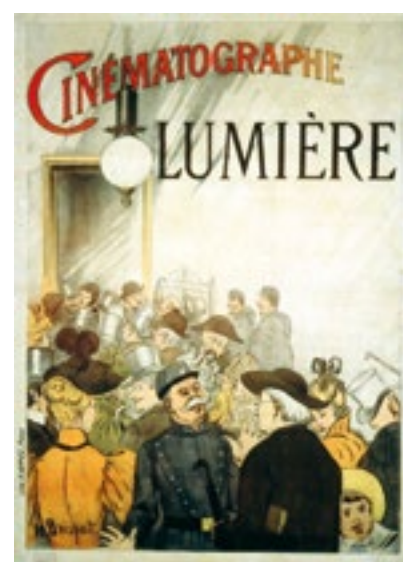
Cine Aldeia

O CINEMA, Ah, o cinema. Quanto encantamento salta daquela tela imensa diante da qual nos sentamos e somos capazes de ficar horas sem pronunciar palavra ou deixar-nos seduzir pela telinha do celular. O que há de tão fantástico que prende nossa atenção, contrai nossos músculos, cria expressões sem que tenhamos qualquer controle? MAGIA. Isso! O cinema é magia pura.

A câmera pode captar além do que se pretende, ela tem vida própria. O que eu vejo, não é o que você vê, nem o que o ator, diretor ou roteirista quis dizer. É muito mais.

Desde George Méliès, com seu clássico filme “Viagem à Lua”, após os irmãos Auguste e Louis Lumière apresentarem seu “cinematógrafo” a cerca de 30 pessoas em 1895, em Paris, ficamos paralisados diante da tela. Nela há muito mais do que efeitos especiais, interpretação ou história. Há o poder hipnotizador contra o qual não queremos lutar. Mas tudo começa na mente de alguém que criou uma história, escreveu essa história, mudou dezenas de vezes, ouviu opiniões, imaginou, sonhou tudo enquanto ela era apenas um amontoado de papéis sobre a mesa ou no drive de um computador.

Palavra e imagem se fundem e criam um universo poderoso. O ser nascido dessa massa de ideias é surpreendente. Aqui, nessa desprestigiada revista, poderemos ler um pouco do que nossos alunos criaram e transformaram numa história para não ser apenas lida, mas filmada quadro a quadro, editada, sonorizada, interpretada.



O cinema é uma linguagem e aqui na Aldeia todas as linguagens são prestigiadas com o mesmo encanto, carinho e respeito.

(Mônica Scheer)

O Cine Aldeia Apresenta...

Apolo 11

CENA 1

Era o dia 20/07 de 1969 quando estava reunida com minha família assistindo à televisão (ainda em preto e branco). Quatro dias antes, a nave Apolo 11 havia partido rumo à Lua.

Estávamos todos ansiosos para apreciar os primeiros passos do homem na Lua.

Presentes na sala, estávamos eu, meu pai, Orlando, minha mãe, Maria, meu irmão, Joaquim e minhas duas irmãs, Lúcia e Helena .



(legenda com a data e a menção de ida da Apolo rumo à Lua) (personagens conversam, mas não há som)

Quando a reportagem começou, todos focaram a televisão para aguardar o tão esperado pouso.

CENA 2

(foco na tevê onde passa imagens da situação)

(foco na nave)

Neil Armstrong desce da nave e dá o famoso primeiro passo na Lua, deixando lá sua pegada. (foco na pegada). Em seguida, Buzz Aldrin teve o privilégio de ser o segundo homem a pisar na Lua. (foco nos astronautas). Os dois ficaram por duas horas e 10 minutos caminhando pela superfície do nosso satélite natural.

CENA 3

Enquanto isso, eu e minha família assistíamos à notícia desesperadamente animados para ver cada segundo que se passava.

- Caramba, como isso é fantástico! - exclamou minha mãe.

- Concordo!! - disse minha irmã Lúcia.

Voltamos a prestar atenção na televisão.

CENA 4

(foco na nave)

Neil Armstrong e Buzz Aldrin voltaram para a nave ao encontro de Michael Collins, e juntos decolaram para voltar à Terra.

CENA 5

(na sala da casa da família)

Todos vibram com a grande conquista humana. (conversa, abraços, sorrisos)

Eu e minha família assistimos à chegada da nave na Terra.

CENA 6

(imagem da base)

Todos os funcionários comemoram a aterrissagem dos três pilotos que saem da nave sorridentes.

CENA 7

(Na casa da família)

Após a reportagem acabar, minha mãe pede para eu e meus irmãos irmos para o quarto dormir.

- Vamos, crianças, hora de dormir.

CENA 8

Deitada na cama, já no quarto, em minha mente, imagino como deve ser ir à Lua, sozinha no espaço com mais 1, 2 ou 3 pessoas! Como será em uma nave fechada, sem poder sair? !!! (pensamento da personagem em voz alta) Fechei os olhos e sonhei com essa maravilhosa viagem.

CENA 9

(imagem da personagem, vestida de astronauta em sua nave a caminho da Lua)

Em seguida, fecha-se essa imagem de sonho, e volta à personagem deitada na cama. Fecha o foco e termina.

FIM

Roteiro: Beatriz Gomes, Clara, Lis, Juliana, Igor, Matheus Oliveira, Ivan, Lara e Beatriz Mansur

O Sequestro

Cena 1

Lorena está em seu quarto acordando, pela manhã. Ela acorda e fala com aquela voz de quem ainda está dormindo.

Lorena: Mas é sábado?

Cena 2

Silêncio. Lorena olha em volta, pega o celular. Liga.

Lorena: Oi, Michele, é a Lorena, amiga da Larissa. Ela está em casa?

Cena 3

Casa de Michele

Michele: Oi, Lorena, ela não está em casa. Não sei onde ela está desde ontem.

Cena 4

Quarto de Lorena

Lorena: Quando foi a última vez que soube dela?

Cena 5

Casa de Michele

Michele: A última vez ela estava saindo da casa da Helena. Mas não se preocupe, quando ela voltar, falo que você ligou.

Cena 6

Quarto de Lorena

Lorena: Obrigada, vou ver se consigo falar com ela.

Cena 7

Michele: Nada, tchau!

Cena 8

Lorena sai de casa para ir à casa de Helena.

Cena 9

Casa de Helena, que abra a porta em que Lorena bate.

Lorena: Oi, desculpa por vir sem avisar, mas é importante.

Helena: Entra, me conta o que aconteceu.

Elas entram na casa de Helena e sentam-se no sofá.

Lorena: Sabe de Larissa? Então, ela sumiu e a mãe dela não sabe nada sobre ela desde ontem quando ela saiu de casa. Você sabe para onde ela foi?

Helena: Ela disse para mim que ia para casa, mas ela não foi... pode ter ido para qualquer lugar!

Lorena: Você tem câmera de segurança?

Helena: Sim, por quê?

Lorena: Então, podemos ver para onde ela foi. Você tem a de ontem?

Helena: Acho que sim, vamos ver.

Elas levantam do sofá e se dirigem ao escritório.

Cena 10

Olham as câmeras.

Helena: Aqui, achei. Vamos ver.

Cena 11

Elas observam a filmagem.

Lorena: Ela foi sequestrada! Será que está bem?

Helena: Olha, dá para ver a placa do carro. Eu tenho um aplicativo que dá para se comunicar como os donos dos carros pela placa do carro. Vamos escrever uma mensagem.

Cena 12

Uma casa abandonada. Dentro estão Alice, Jobs, Pablo e Larissa. O celular de Alice anuncia a chegada de uma mensagem. Ela abre o celular.

Alice: Olhem, chegou uma mensagem de resgate da garota.

Jobs: Nós mandamos resposta?

Pablo: Claro, mas melhor que isso, vamos mandar um vídeo pedindo cem mil reais pelo resgate.

Alice: Eu e você (aponta para Pablo) falamos e o Jobs filma. Ok?

Cena 13

Jobs pega uma cadeira, coloca Larissa sentada e a amarra.

Cena 14

O vídeo

Jobs: Se vocês quiserem sua amiguinha de volta, depositem cem mil reais na conta 23415 no Inter Banco, até o dia nove de novembro. Senão, nem pensem em ver sua amiga de novo!

Fim do vídeo

Cena 15

Alice: Pode mandar, Jobs. Quanto mais rápido, melhor.

Cena 16

Casa de Lorena. O telefone toca e Lorena atende.

Lorena: E aí, eles responderam?

Helena: Sim, vem logo para cá, estou esperando para ver com você.

Lorena: Amanhã eu vou aí cedinho.

Cena 17

Helena abre a porta e ela e Lorena vão para o escritório. Assistem ao vídeo.

Lorena: Parece ser a casa da minha tia atrás! Será que é?

Helena: Então vamos lá ver.

Lorena: Agora? Mas antes temos que ter um plano.

Helena: Um plano... já sei! Quando estivermos perto de lá, ligamos para a polícia e, enquanto eles não chegam, distraímos os bandidos.

Lorena: Então vamos logo.

Cena 18

Chegam à casa abandonada.

Lorena: Aqui, acho que é essa a casa. Vamos tocar a campainha.

Helena toca a campainha.

Cena 19

Interior da casa. Alice está no computador.

Alice: Temos visitas.

Pablo: O quê? – Vai até Alice – São aquelas garotas. Pode abrir. Jobs, leva a garota lá para trás e eu e você vamos lá pra baixo. Mas deixa elas esperando por uns cinco minutinhos.

Jobs pega Larissa e leva para o fundo.

Jobs: Se eu tirar isso da sua boca, você promete não gritar?

Larissa balança a cabeça afirmativamente. Jobs tira a corda. Passam-se dois segundos.

Larissa: SOCORROOOOOO!

Jobs coloca a mão em sua boca e recoloca a corda

Jobs: Qual parte de não gritar você não entendeu? Mas não adianta nada, daqui ninguém vai te ouvir.

Pausa

Jobs: Você deve achar que sou um monstro. Mas pode acreditar que eu não sou. De onde você é? – Tira a corda de Larissa para ela responder.

Larissa: Não falo com bandidos nojentos!

Jobs: Tecnicamente eu não fiz nada com você, não tem do que reclamar.

Larissa: Simplesmente só me prendeu. Só isso já é muito. Com licença, não quero gastar saliva com você.

Cena 20

Parte da frente da casa.

Alice: Pode abrir?

Pablo: Pode.

Cena 21

Exterior da casa. Helena e Lorena estão sentadas. Quando a porta abre, levantam-se.

Lorena: Vamos?

Helena: Vamos.

Elas sobem as escadas. Enquanto sobem, conversam.

Lorena: Eu subo para ver o que tem lá em cima e você vê os quartos daqui de baixo.

Helena segue reto e Lorena sobe as escadas.

Cena 22

Quando Lorena passa em frente ao banheiro, Pablo a surpreende e a amarra, em seguida, coloca-a sentada no chão.

Enquanto isso, Helena está em um dos quartos, Alice a surpreende. As duas sobem e Alice a amarra e coloca Helena no banheiro junto com Lorena.

Pablo: Foi você que chamou elas? – Fala se aproximando de Larissa – Você mandou o endereço? – Grita chutando-a.

Jobs, ao ver aquilo, se mete na frente e Pablo o empurra. Jobs fica bravo e eles começam a lutar. A luta dura 2 minutos.

Ágatha chega.

Ágatha: Presos em nome da lei!

Pablo: Cuide dela – Fala olhando para Alice.

Alice e Ágatha lutam. As duas lutas acontecem ao mesmo tempo. Enquanto todos estão distraídos, Larissa desamarra as amigas e se abraçam.

Ágatha desmaia com um soco de Alice, então Alice vê que Larissa tinha saído do lugar em que estava. Ela vai até o banheiro, vê todas soltas e tranca a porta. As meninas batem na porta com força.

Alice: Pablo, vamos, senão vamos ser pegos!

Pablo: (A cada frase que pronuncia dá um soco em Jobs) É só uma garota! Para de ser burro! Se quiser

venha com a gente!

escadas e contam ao policial o que havia acontecido.

Jobs cai no chão. Alice e Pablo descem as escadas.

Cena 27

As garotas chegam e veem os bandidos serem presos.

Cena 23

Jobs levanta, quando está indo atrás deles para olhar para o banheiro, pensa e segue o caminho.

Marcos: Você não deu conta de uma, muito menos de duas, na próxima já sei que não posso chamar você!

Cena 24

Quando Alice e Pablo estão abrindo o portão eles veem o tenente Marco que aponta uma arma para eles e grita para ficarem no chão. Depois os prende.

Ágatha: Na próxima eu vou me esforçar mais.

Marcos: Acho bom mesmo. – entra no carro.

Ágatha: Meninas, vocês estão liberadas. Querem que eu as acompanhe?

Larissa: Não precisa, obrigada.

Cena 25

Jobs entra na garagem e vê todos presos, sai correndo. Mas Marcos consegue atirar na perna dele.

Ágatha entra no carro e as meninas vão andando juntas.

Cena 26

Ágatha acorda e ouve as meninas gritando dentro do banheiro. Vai até elas e abre a porta. Todas descem as

Foco nas meninas até sumirem.

Fim

Roteiro: Ana Clara Alamino, Ana Telles, Davi Brazil, Maria Eduarda Teixeira, Isabella de Sá, João Queiroz, Gustavo Lira & Luisa Florito

Expediente

Editoria e revisão: *Ivi Barile e Mônica Scheer*

Autoria dos textos e ilustrações: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos/ 2015 - Aldeia Curumim*

Design e diagramação: *Bernardo Nemer*

Capa: *alunos dos 6º, 7º e 8º anos / 2015 - Aldeia Curumim*

Apoio institucional: *Lúcia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves*



www.aldeiacurumim.com.br



ALDEIA CURUMIM

40 anos em 2013

www.aldeiacurumim.com.br

